

## A ORGANIZAÇÃO RETÓRICA DE GÊNEROS INTRODUTÓRIOS: A SINOPSE DE LIVROS EM SUPORTE VIRTUAL

Ana Paula Oliveira Soares<sup>1</sup>  
Universidade de Pernambuco

### **Resumo:**

À luz da análise de gêneros de linha sociorretórica, investiga-se a distribuição das informações no gênero introdutório sinopse, quando transmutado do meio impresso para o meio digital, no intuito de saber se o gênero tem sua organização retórica alterada em decorrência dessa transmutação. Para tanto, foram selecionados e analisados 50 exemplares do gênero, todos na área de linguística, em sites de livrarias e editoras diversas. Com a análise verificou-se que o gênero em estudo sofre modificações quando veiculado pela Internet. Palavras-chave: Gêneros introdutórios; gêneros digitais; sinopse.

### **Abstract:**

This article, using Social Rhetorical Genre Analysis, investigates the distribution of information in the introductory genre, synopsis when this genre is transferred from the printed media to the digital media, in order to discover if the genre's rhetorical organization is altered due to the transferral. Fifty examples of the genre selected from sites of editors and bookstores, all from the area of Linguistics were

---

<sup>1</sup> Este trabalho é resultado do projeto de pesquisa "A organização retórica de gêneros introdutórios em meio digital" (PIBIC/CNPq), realizado no Campus Garanhuns da Universidade de Pernambuco, sob a orientação do Prof. Dr. Benedito Gomes Bezerra.

analyzed. It was verified that the genre suffers modifications when published on the Internet.

Key-words: introductory genres; digital genres; synopsis

## **Introdução**

Há nos estudos de linguística um grande interesse em estudar os gêneros textuais. Diversos são os autores que se propõem a fazer análise sobre essa temática. O motivo para isso parece claro: os gêneros textuais são a forma de se comunicar em sociedade e estudá-los é preocupar-se com o uso real da língua, com o modo de manifestação do ser humano e por que este o faz de uma maneira e não de outra. Nessa perspectiva, concordamos com o que diz Bazerman (Apud BEZERRA, 2006, p. 55):

Os gêneros são formas de vida, modos de ser. Eles são enquadres para a ação social. São ambientes para a aprendizagem [...] Os gêneros são os lugares familiares a que recorremos para realizar uma ação comunicativa inteligível e as placas de sinalização que usamos para explorar um ambiente desconhecido.

Sabe-se que o número de gêneros numa língua é incontável, e não poderia ser diferente, tendo em vista que para cada situação distinta, de acordo com o que ou a quem pretende alcançar e conforme o ambiente disponível, o indivíduo utiliza o discurso (oral ou escrito) organizado de forma diferente. São essas maneiras distintas de usar a linguagem que contribuem para constituir ou formar os inúmeros gêneros existentes.

Os avanços tecnológicos possibilitaram novas formas de comunicação, e a Comunicação Mediada por Computador (CMC) tem causado uma revolução na interação humana, desencadeando inúmeras questões que precisam ser estudadas e analisadas para serem compreendidas. A forma de representação e recepção dos gêneros textuais é uma delas.

Os estudos têm mostrado que a tecnologia interfere direta ou indiretamente no gênero e em tudo que a ele está ligado (recepção, objetivos, etc.). As características do meio são incorporadas pelos gêneros que passam a ter inclusive sua organização formal modificada.

Existem hoje muitos trabalhos voltados para essa área, mas ainda há muito o que se estudar, pois as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) trazem consigo uma enorme variedade de gêneros e estes estão carregados de novas características. O fato de esses gêneros estarem cada vez mais presentes na vida das pessoas vem exigir que se reflita sobre as características do meio digital, sendo por vezes inevitável fazer comparações com o que se encontra no meio convencional impresso.

Assim, esta pesquisa se propôs estudar a organização retórica do gênero introdutório sinopse quando este é transmutado do meio impresso para o digital, já que em pesquisas anteriores (como mostraremos a seguir) notou-se que o suporte interfere na configuração do gênero. Dessa forma, pretendemos mostrar o que muda e o porquê da mudança quando o gênero está em um suporte diferente e que implicações isso traz para os seus leitores.

O presente artigo está assim organizado: no primeiro momento será mostrado que procedimentos metodológicos foram usados e com que finalidade; em seguida, citaremos os principais teóricos da

análise de gêneros cujos conceitos fundamentaram este estudo, para então partir para a análise propriamente dita da organização retórica do gênero introdutório sinopse em meio digital.

## **I. Procedimentos metodológicos**

Sabendo que o gênero sofre influências pelo suporte, tentamos mostrar, nessa pesquisa, o que motiva a alteração do gênero quando este é transmutado do meio impresso para o digital. Para realizarmos a pesquisa, partimos das ideias da pesquisa com gêneros textuais introdutórios em livros convencionais (impressos) realizada por Bezerra (2006), e da pesquisa com gêneros textuais introdutórios mediados pela Web, desenvolvida por Lêdo (2008). Essa última mostrou que o gênero introdutório mais recorrente nos sites de editoras é a sinopse. A partir disso, objetivamos saber por que este é o gênero escolhido para apresentar o livro ao leitor/consumidor e quais as mudanças que ocorrem em virtude de seu posicionamento em um ambiente diferente, dando ênfase à relação entre gênero, suporte e leitor virtual.

Para alcançar os objetivos motivadores desta pesquisa, foram colhidos junto a sites de editoras e livrarias diversas, para posterior análise, 50 exemplares do gênero sinopse, todos de livros na área de linguística. Após a coleta do corpus, foi criado um quadro para cada texto, onde foi feita a análise, descrevendo-se os movimentos retóricos encontrados no mesmo bem como o número de palavras contido em cada texto. Foi feita ainda uma comparação entre os sites das editoras e livrarias para saber se o texto apresentado por ambas é o mesmo. A título de exemplo, na figura abaixo temos um exemplo de uma sinopse online no site da editora Parábola.

LIVROS



**Análise da conversação: princípios e métodos**  
Catherine Kerbrat-Orecchioni

Este livro é uma análise de um tipo especial de interação verbal: a conversação.

Catherine Kerbrat-Orecchioni propõe o estudo das relações que se constroem, pelo viés da troca verbal, entre os interactantes: a relação inter-pessoal, a polidez, a variação cultural, as trocas rituais, o pedido de desculpas, o agradecimento.

O objetivo da análise conversacional é explicitar as regras que sustentam o funcionamento das trocas comunicativas de todos os gêneros, de-cifrar a "partitura invisível" que orienta (sempre deixando uma ampla margem de improvisação) o comportamento daqueles que se encontram engajados nessa atividade polifônica e complexa que é a condução de uma conversação.

ISBN 978-85-88456-58-7

*Figura 1: Sinopse online no site da editora*

## 2. Embasamento teórico da pesquisa

Como diz Marcuschi (2008, p. 147), “o estudo dos gêneros textuais não é novo, mas está na moda”. Em virtude disso, temos várias noções acerca da natureza dos gêneros, porém muitas se complementam e não são, por isso, divergentes. Nesse trabalho, partiremos da noção de gênero proposta pelo russo Mikhail Bakhtin (1997), quando diz que “os gêneros apresentam uma estabilidade apenas relativa” (p. 293) e que “há gêneros mais padronizados e estereotipados” e “gêneros mais maleáveis” (p. 301), de forma que para utilizá-los é preciso conhecê-los bem.

Adotamos também a definição proposta por Miller (2009) em que ela enfatiza o caráter social do gênero, dizendo ser ele uma entidade instável, que “transforma-se, desenvolve-se e decai”, de forma que “o número de gêneros existentes em uma sociedade é

indeterminado e depende da complexidade e diversidade daquela sociedade” (p. 36). Como se pode observar através dessa definição, os gêneros textuais estão diretamente ligados às características da sociedade, já que é nela que eles nascem, modificam-se e/ou desaparecem, tendo em vista que surgem diariamente situações comunicativas e interacionais que precisam de novas soluções ou maneiras novas para serem resolvidas. É a partir daí que os novos gêneros vão surgindo e se instalando na vida das pessoas, modificando-se de acordo com as necessidades de quem os usa bem como com as tecnologias que surgem.

Os gêneros constituem-se como sendo a materialização da comunicação dos indivíduos que é organizada e planejada de acordo com o que se pretende alcançar na interação, ou seja, a pessoa seleciona e combina as várias maneiras disponíveis para realizar a comunicação no intuito de atingir seu objetivo. Em decorrência disso, temos fenômenos como a hibridização e o surgimento de novos gêneros. Outro fator que também vai interferir fortemente na construção e utilização dos gêneros é o suporte disponível para que ele se materialize, isto é, circule na sociedade.

A partir desse enfoque podemos dizer que para a identificação e agrupamento dos gêneros é imprescindível analisarmos seu(s) propósito(s) comunicativo(s). São eles que vão permitir o agrupamento dos gêneros, dizendo se pertencem ou não a determinada “colônia” ou “constelação de gêneros” (BHATIA, 2009).

Nessa perspectiva, Bezerra (2006), após mostrar as principais teorias sobre gêneros, faz uma análise acurada sobre os gêneros introdutórios em livro convencional, definindo quais são esses gêneros, o que eles têm em comum, bem como qual a sua organização retórica. O autor afirma que “de modo bastante simples,

os gêneros introdutórios introduzem ou apresentam outros gêneros” (p. 79) e

em sentido mais amplo [...] são os gêneros textuais que, no corpo físico do suporte em que se localiza uma obra acadêmica, usualmente se agregam ao gênero ou gêneros principais como uma proposta de leitura prévia, em termos de orientação, síntese ou convite à leitura da obra em si (p. 80).

O fato de apresentar a obra ao leitor confere aos gêneros introdutórios um caráter promocional, tendo em vista que o primeiro contato que o leitor tem com o conteúdo da obra é através desses elementos pré-textuais. Assim, os textos introdutórios visam, além de apresentar a obra, promovê-la aos olhos do leitor/consumidor. Em vista disso, esses textos geralmente vêm carregados de elogios e termos que avaliam a obra positivamente. Bezerra (2006) identifica como sendo gêneros introdutórios típicos: apresentação, introdução, nota biográfica, prefácio, prólogo e sinopse; e como sendo potencialmente introdutórios os gêneros agradecimentos, dedicatória e epígrafe.

A referida pesquisa serviu de base para uma análise comparativa dos gêneros em suportes virtuais, conforme se verifica em Lêdo (2008). Em sua pesquisa, a autora constatou, através da análise comparativa dos gêneros introdutórios na Internet e no meio convencional, que os gêneros sofrem modificações com sua transmutação e vários são os fatores que motivam tais mudanças. Além disso, a autora ainda constatou que o gênero introdutório mais frequente (que aparece em todos os sites das editoras) no meio

digital é a sinopse, daí o motivo de essa pesquisa se direcionar ao estudo da organização do gênero sinopse na Internet.

Para explicar o gênero em sua relação com o suporte e com as inovações ocorridas na sociedade, adotamos a perspectiva de Marcuschi (2002), quando diz que “são as inovações culturais e o uso de novas tecnologias que determinam as novas formas de interação social que em última análise desencadeiam a transformação de gêneros antigos e o surgimento de novos” (p. 20). Contudo, o autor ressalta que esses gêneros não são inovações absolutas, ou seja, não são criações totalmente novas; elas partem de outros já existentes. Notamos claramente, através dessa afirmação, que o gênero passa por mudanças ao longo do tempo e o que interfere nele é justamente a forma de organização da sociedade. Constantemente surgem novas tecnologias e os gêneros não estão alheios a elas. Nesse contexto, o suporte é fundamental para entendermos o gênero. Ainda segundo Marcuschi, ao lermos o gênero, lemos junto o seu suporte e, de acordo com este, aquele pode resultar em um construto diferente. Em outras palavras, a mudança de suporte pode ocasionar mudanças no gênero.

### **3. Gêneros digitais: algumas considerações**

Para os fins deste trabalho os gêneros virtuais são tomados como aqueles que circulam na Internet. Eles apresentam muitas das características dos gêneros do meio impresso, mas também apresentam várias diferenças. Nesse sentido, o gênero pode ter sua estrutura externa ou até sua organização interna modificada, e isso ocorre devido a inúmeros fatores (objetivos, público alvo, recursos da própria tecnologia, etc.).



Os gêneros virtuais são inúmeros e dispõem, pelo meio em que estão inseridos, de muitos recursos que lhes conferem um caráter fortemente multimodal, tornando-os eventualmente mais interessantes e atrativos. Os usuários desses recursos tecnológicos são potenciais beneficiários de uma nova forma de interação pela linguagem.

### *3.1. O suporte*

Suporte é o lugar ou ambiente em que o gênero está inserido, e de acordo com ele o gênero pode ganhar uma nova função ou até mesmo se constituir em um novo gênero, como dissemos acima. Marcuschi diz “que todo gênero tem um suporte” (2003, p. 1), e assim o define:

Intuitivamente, entendemos aqui como suporte de um gênero um locus físico ou virtual com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação do gênero materializado como texto. Numa definição sumária, pode-se dizer que suporte de um gênero é uma superfície física em formato específico que suporta, fixa e mostra um texto (p. 8).

Em seguida afirma que a “função básica do suporte é fixar o texto e assim torná-lo acessível para fins comunicativos” (p. 9). O autor chama a atenção para observarmos “como desde a antiguidade os suportes textuais variaram, indo das paredes interiores de cavernas à pedrinha, à tabuleta, ao pergaminho, ao papel, ao outdoor, para finalmente entrar no ambiente virtual da Internet” (p. 1).

Para a identificação do gênero, é imprescindível que se analise o suporte, pois eles estão diretamente ligados: pode-se dizer que tanto o gênero determina o suporte, como o suporte determina o gênero.

De acordo com Lêdo, “o suporte tem papel fundamental não só na circulação e materialização do gênero, mas no seu uso e interpretação, inclusive pela percepção de que a mudança de suporte pode ocasionar uma radical mudança nos propósitos comunicativos” (2008, p. 11).

### 3.2. O gênero em estudo: *sinopse*

Assumimos que a sinopse é um gênero introdutório, como afirma Bezerra (2006), já que é uma espécie de resumo do conteúdo, uma indicação do que trata o livro, fazendo um convite ao leitor, que decidirá se vai ler/comprar ou não o livro. É um gênero breve, que normalmente não apresenta título. No meio impresso encontra-se geralmente na quarta capa do livro e no ambiente virtual está quase sempre na primeira página que apresenta o livro e é, segundo Lêdo (2008), o gênero introdutório escolhido por todas as editoras para apresentar o livro ao leitor na Internet, apresentando uma maior recorrência em relação aos demais gêneros introdutórios. De acordo com Bezerra (2006, p. 175), a sinopse possui três propósitos comunicativos principais, e para atingi-los lança mão de sete movimentos retóricos. Neste estudo, identificamos um movimento retórico adicional, que seria o que fala da origem da obra), como destacado na figura a seguir:

<b>PROPÓSITO COMUNICATIVO</b>	<b>JUSTIFICAR A OBRA</b>
Movimentos retóricos	1. Estabelecendo o campo de estudo 2. Definindo/discutindo o tópico central 3. Indicando lacuna a preencher 4. <i>Informando sobre a origem da obra</i>
<b>PROPÓSITO COMUNICATIVO</b>	<b>RESUMIR O CONTEÚDO</b>
Movimento retórico	5. Apresentando/discutindo o conteúdo
<b>PROPÓSITO COMUNICATIVO</b>	<b>CONCLUIR A SINOPSE</b>
Movimentos retóricos	6. Indicando leitores em potencial 7. Fazendo recomendação/avaliação final 8. Informando sobre o autor

*Figura 2: Propósitos comunicativos e movimentos retóricos do gênero sinopse (adaptado de Bezerra, 2006).*

#### 4. Análise dos dados e resultados

Com base nos aportes teóricos apresentados, e após a coleta e análise dos 50 exemplares do gênero sinopse na Internet, e feita a comparação com os gêneros similares no meio impresso, pudemos fazer algumas considerações.

Primeiramente, foi possível observar que em todos os sites das editoras a sinopse está presente (o que não ocorre com os demais gêneros introdutórios), salvo problemas nos sites que às vezes temporariamente não disponibilizam os textos nem as imagens do livro. A sinopse, entretanto, nem sempre estará por inteiro na página.

Algumas vezes o site apresenta uma parte de seu texto e remete o leitor ao restante através de um link em que está escrito “veja mais”, ou “veja a sinopse completa”, que levará o interessado ao texto integral.

Porém, notamos que apenas nos sites das editoras o texto sempre está completo, ainda que em outra página, pois nos sites das livrarias ocorre que o texto muitas vezes está pela metade e o site não o disponibiliza por inteiro, embora apresente o texto como “sinopse completa”. Isso leva o leitor a crer que está diante de um texto completo quando na verdade dispõe apenas de um trecho dele.

Notou-se ainda, a forte presença do caráter avaliativo da obra, uma vez que muitas são as palavras de elogio do começo ao fim da maioria dos textos. O caráter avaliativo da obra, com os termos de elogio, vem confirmar seu caráter promocional e mostrar que não é à toa que a sinopse é o texto escolhido por todas as editoras para apresentar o livro, pois a avaliação é sempre positiva, para convencer o leitor/consumidor de que o produto (livro) é bom. Vejamos alguns trechos de uma sinopse, que confirmam essa afirmação:

[...] uma preciosa contribuição aos estudos linguísticos no país. Isso porque, mais do que uma simples tradução, Rodolfo Ilari nos oferece aqui uma rigorosa e criativa adaptação [...] Assim, com a autoridade de um dos nossos mais respeitados linguístas [...] sem esquecer de listar uma alentada e sólida bibliografia [...]

*Trechos da sinopse do livro Dicionário de linguagem e linguística*

Contudo, o movimento retórico que mais apareceu nos textos analisados foi a “apresentação/discussão do conteúdo”, o que comprova que a sinopse é uma espécie de resumo da obra e que para cumprir esse objetivo (de resumir a obra) é necessário apresentar um pouco do seu conteúdo, ou seja, de que ela vai tratar. Quanto à organização geral dos textos é importante ressaltar que não há um lugar fixo (começo, meio ou fim) para cada movimento retórico (tanto no ambiente virtual como no meio impresso).

A figura abaixo exemplifica a organização retórica e alguns dos movimentos retóricos que podem ser encontrados em uma sinopse e confirma, mais uma vez a intensidade do caráter avaliativo com termos que promovem a obra:


	<p>A publicação de sistema, mudança e linguagem satisfaz a pelo menos três conjunturas da linguística brasileira contemporânea: a retomada das pesquisas em linguística histórica, os avanços das reflexões sobre epistemologia e historiografia linguísticas e a busca de equilíbrio na relação entre o trabalho teórico e o trabalho empírico.</p> <p>O que este livro tem de melhor é responder a perguntas bastantes frequente em nossos cursos de graduação e de pós-graduação: como se faz linguística?, que rumos ela toma e por que tantos rumos tomou?, o que motiva a transição de um modelo teórico para outro?</p> <p>Para responder a essas perguntas, Danti Lucchesi inspeciona três modelos: o estruturalismo sincrônico, o estruturalismo diacrônico e a sociolinguística variacionista. Renunciando a uma estéril de nomes, datas e temas de trabalho, o autor preferiu um caminho mais árduo, porém mais iluminador: o de examinar os aspectos fulcrais dessas teorias e identificar seus “pontos de ruptura”, que apontam para seu declínio e para o surgimento de novas elaborações teóricas. Situado neste ponto de vista, ele surpreende – no que poderia parecer aos espíritos ingênuos apenas uma sequência de modas – o dinamismo do fazer científico, o diálogo perene das gerações, o enfrentamento dos temas mal resolvidos.</p> <p>O leitor terminará estas páginas convencido de que a linguística é uma ciência argumentativa, que se desenvolve em torno das questões que orientam e fundamentam a construção de seu objeto de estudo. Um resultado importante para os que pretendem surpreender os fundamentos mesmos dessa ciência!</p>	<p>Estabelecimento do campo de estudo</p> <p>Definição do tópico central</p> <p>Apresentação/discussão do conteúdo</p> <p>Recomendação/avaliação final</p>
--	---	--

Figura 3: Análise de uma sinopse, com indicação dos movimentos retóricos

Ainda com base em nossas observações, constatamos que a organização retórica do gênero sinopse no ambiente virtual não tem sua estrutura interna alterada (do ponto de vista de seus movimentos retóricos), ou seja, o texto é o mesmo tanto no meio impresso quanto no meio digital, sem mais ou menos informações. Porém isso só se confirma nos sites das editoras, pois nos sites das livrarias o texto nem sempre está completo, embora apareça a informação “sinopse completa”, e algumas vezes seja disponibilizado outro texto totalmente diferente do da editora. Mas, mesmo sendo diferente, o texto cumpre bem o seu propósito comunicativo de resumir a obra (BEZERRA, 2006) e promovê-la aos olhos do leitor/consumidor.

Conseqüentemente, se o texto é o mesmo, os movimentos retóricos e propósitos comunicativos em si não mudam. Tanto no meio impresso quanto no digital a função da sinopse é resumir e promover a obra. Mas parece que essa função se intensifica no meio virtual, já que, na maioria dos casos, a sinopse é o único texto que aparece para apresentar o livro ao leitor. Ela funciona como uma espécie de convite à leitura.

As mudanças percebidas no gênero sinopse quando transmutado para o ambiente virtual estão diretamente ligadas ao suporte em que se encontra, bem como à forma de acesso à informação, ancorada nos recursos hipertextuais típicos do meio.

Percebemos, com a análise, que cada editora e livraria apresenta o texto de forma diferente e com isso a configuração geral da sinopse é alterada. Uma das diferenças encontradas refere-se à localização da sinopse. No meio impresso ela está sempre na quarta capa (ou raramente nas orelhas) do livro, enquanto no meio digital, na maioria das vezes, ela se encontra, como dissemos, na primeira página que apresenta o livro ou em outra página disponível ao leitor

através dos hiperlinks. Estes, como “janelas” que levam o leitor a informações mais completas sobre a obra, são de fundamental importância para a leitura do gênero. O fato de a sinopse estar ou não integralmente na primeira página dependerá do espaço que o site disponibiliza para a apresentação e promoção do livro: se o site tem um maior espaço destinado a propagandas do próprio site, o texto dificilmente estará na primeira página e menos ainda por inteiro.

Outra mudança observada diz respeito à organização estrutural, mas que, de certa forma, interfere na organização interna do gênero. No meio impresso, a sinopse quase sempre estará por inteiro em um espaço singular, a quarta capa do livro. No meio digital, ao contrário, quando aparece na primeira página do site, o texto dificilmente vai estar completo. Isso mostra a fragmentariedade que o texto adquire ao ser transmutado, pois o fato de o leitor ter um link que o levará ao texto completo não significa que ele usará esse recurso. O leitor poderá ficar apenas com as primeiras informações se não clicar em nenhum dos links.

Além disso, a sinopse virtual usualmente divide seu espaço no site com outras informações do livro, vindo algumas vezes embaixo do título, nome do autor, editora, número de páginas, telefones da editora, e poucas vezes em um quadro isolado, sem outras informações ao lado.

Destacamos ainda que, na coleta dos exemplares, foram encontrados alguns textos que não identificamos como sinopse, já que não apresentam uma organização retórica com características usuais numa sinopse. São textos que não possuem os propósitos comunicativos do gênero, e portanto não resumem ou promovem a obra, mas ainda assim são os textos escolhidos para a apresentarem. Vejamos um exemplo:

“Se eu afirmasse aqui que o processo referencial é muito mais uma questão etnográfica do que uma questão semântica e epistemológica, de que tamanho seria a heresia? Imagino que para os devotos das teorias semânticas vericondicionais eu deveria tirar umas longas férias distante da comunidade lingüística e para os interacionistas e sócio-cognitivistas eu seria elevado ao status de guru.” Atos de referenciação na interação face a face. “No meu entender, os desafios mais sérios do hipertexto estão na área do ensino e não de sua produção, porque esta já está relativamente clara e seus problemas são mais de tecnologia que de conceituação. No ensino não é assim. O hipertexto acarretará redefinições curriculares, revisão e identificação de fontes, estabelecimento de um corpo de conhecimentos que possibilite a ordenação do fragmentário. Exigirá a solução dos problemas apontados nas reflexões aqui feitas sobre a relevância e, não por último, teremos que rever nossos sistemas de classificação e ligação dos conhecimentos. O hipertexto é um ponto de chegada e não um ponto de partida no caso do ensino.” Linearização, cognição e referência: o desafio do hipertexto.

*Trecho do texto que apresenta o livro Cognição, linguagem e práticas interacionais*

Quanto aos movimentos retóricos, com a análise encontramos outro que não havia sido identificado na análise feita por Bezerra (2006): seria ele o que fala da origem da obra, e por ele ter aparecido



em alguns dos textos analisados o acrescentamos na análise. Entretanto, observamos que essa mudança não decorre do suporte.

### **Considerações finais**

Partindo do que foi visto, podemos fazer as seguintes observações: as alterações sofridas pelo gênero podem estar ligadas a aspectos como a multimodalidade (acentuada no meio virtual, embora não exclusiva dele) e a hipertextualidade do meio digital. Além disso, o espaço disponível para o gênero sinopse é frequentemente limitado e compartilhado com outros gêneros, como anúncios, por exemplo. Este pode ser um dos motivos para que a sinopse não esteja completa em alguns sites.

Mas é interessante pensar também na relação gênero, suporte e tipo de usuário. Se refletirmos um pouco, notaremos que o ambiente virtual é constituído de inúmeras informações e por isso elas têm que ser breves. Além disso, uma das características da atual sociedade é a busca por informações objetivas e breves, que não tomem muito tempo. O leitor virtual possivelmente não vai ler textos enormes, mas preferirá informações breves, sucintas e relevantes para aquilo que busca.

Diante de tudo que vimos, podemos dizer que as mudanças não são totais, principalmente no que se refere à organização interna, mas a apresentação, proposta de leitura e modo de acesso (fragmentário), em vista do ambiente, são significativamente modificados.

## Referências bibliográficas

BAKHTIN, M. M. ([1953] 1997). Os gêneros do discurso. In: *Estética da criação verbal*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes. p. 279-326.

BEZERRA, Benedito G. (2006). *Gêneros introdutórios em livros acadêmicos*. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

BHATIA, Vijay K. (2009). Análise de gêneros hoje. In: BEZERRA, Benedito Gomes; BIASI-RODRIGUES, Bernadete; CAVALCANTE, Mônica Magalhães (Orgs.). *Gêneros e sequências textuais*. Recife: Edupe. p. 159-195.

LÊDO, Amanda C. O. (2008). Gêneros introdutórios mediados pela Web. Recife, *Ao Pé da Letra*, v. 10, n. 1, p. 11-28. Disponível em: <<http://www.revistaopedaleta.net/volumes/vol%2010.1/vol10.1-ebook.pdf>> Acesso em: 12 out. 2009.

MARCUSCHI, L. A. (2002). Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna. p. 19-36.

\_\_\_\_\_. (2003). *A questão do suporte dos gêneros textuais*. *DLCV: Língua, Linguística e Literatura*, João Pessoa, v. 1, n. 1, p. 9-40.

\_\_\_\_\_. (2008) *Produção Textual, Análise de Gêneros e Compreensão*. 3ª ed. São Paulo: Parábola Editorial.

MILLER, Carolyn R. (2009). *Estudos sobre gênero, agência e tecnologia*. Recife: Ed. da UFPE.

